

Artigos

Aprender a Envelhecer - um novo paradigma



Juraci Vieira Gutierrez

Los niños, niñas y jóvenes se van a transformar con nosotros, con los mayores, con los que conviven, según sea esa convivencia. El futuro de la humanidad no son los niños, somos los mayores con los que se transforman en la convivencia. (Humberto Maturana)

A publicação dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD Contínua (2018)¹, traz à tona velhas questões da realidade socioeconômica de um Brasil extremamente heterogêneo na sua história de ocupação, nos recursos naturais, na etnia, na diversidade cultural e, fundamentalmente, na distribuição de renda - contexto no qual vivemos e envelhecemos.

Em dezembro/2107, a ONU publicou, em sua página na Internet, que:

Entre 22 países desenvolvidos e emergentes analisados, o Brasil lidera a concentração de riqueza nas mãos do 1% mais rico da população (27%), segundo relatório “Panorama Social da América Latina 2017”, divulgado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).

¹ https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149

Encontramos no documento *Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade* (2015, p.16)² a afirmação que “a revolução da longevidade nos força a abandonar as noções existentes de velhice e de aposentadoria. Essa construção social é simplesmente insustentável diante do incremento de 30 anos de vida”.

Como fazer essa revolução da longevidade no Brasil, em um país de múltiplas e inúmeras complexidades? Aprender a envelhecer tem na educação a principal fonte geradora para esta. Na perspectiva de uma decisão para ação nos apoiamos em Hayflick (1996, pp. 321-322) que, ao abordar o tema pesquisas sobre longevidade e envelhecimento, já trazia importantes considerações:

Se nosso objetivo for de fato maximizar as oportunidades para aumentar a longevidade humana, então nossas atuais prioridades estão seriamente desequilibradas. Se esse desequilíbrio continuar, as probabilidades dos resultados de alguns biogerontologistas sem recursos resultarem em um aumento da duração da vida são poucas.

Outra medida das nossas prioridades culturais é a atenção que a longevidade recebe na educação dos jovens. Cerca de 84% dos livros de biologia do segundo grau não mencionam o envelhecimento. Dos livros universitários de biologia, 51% não mencionam a biologia do envelhecimento e nenhum dedica mais de cinco páginas ao assunto. A ênfase de todos esses livros recai sobre o crescimento e desenvolvimento iniciais, ficando o que acontece biologicamente após a maturação sexual substancialmente ignorado. Assim, nossos alunos recebem uma mensagem indireta de que o que é importante na biologia é o que acontece antes da idade adulta – ou seja, os processos de desenvolvimento que os alunos leitores estão experimentando pessoalmente. Parece razoável esperar que os alunos também devam ser expostos a, pelo menos, um pouco de conhecimento das mudanças biológicas que a maioria deles experimentará.

Quando Maturana (2000) nos diz que o mundo em que vivemos é uma criação pessoal, reforça nossa convicção de que o processo do envelhecimento é um aprendizado que necessita a compreensão e a participação de todos na criação do novo. No dizer do Mestre “somos a referência para tal criação, e de que o mundo que nossos alunos criam em seu viver sempre surgirá criado conosco, embora nos pareça alheio”.

²http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf

É interessante perceber como o olhar analítico ou interpretativo de Hayflick (1996) e Maturana (2000) se complementa, pois os dois abordam a visão sistêmica envolvendo aprendizado, conhecimento, meio natural e social que se fundem no discurso de um biólogo médico e de um educador. A compreensão desse fenômeno é o caminho que precisamos percorrer para que as mudanças aconteçam.

Afirma Lima (2005, s/p), no *post* “Educação e envelhecimento garantia da cidadania do idoso”, que:

As pessoas ainda não se conscientizaram da importância da educação para mudar o paradigma de velhice. A Gerontologia Educacional é necessária tanto para os educadores como para os educandos, porque, além de garantir novos conhecimentos acerca do envelhecimento, ela propicia oportunidades de mudanças e de novas aprendizagens cognitivas, atitudinais, afetiva por parte de quem ensina, e por parte de quem aprende. É um *processo dialético* em que todos se transformam em *aprendizes*. Não é um mero trabalho de criar uma “cabeça cheia” de informações, mas um trabalho de “*cabeça bem-feita*”, como diz Edgar Morin.

A ideia de “aprender a envelhecer como novo paradigma”, também é fruto da provocação de Hayflick, que, com certa ironia, escreve: “parece razoável esperar que os alunos também devam ser expostos a pelo menos um pouco de conhecimento das mudanças biológicas que a maioria deles experimentará” (HAYFLICK, 1996, p. 321).

Ao buscar informações sobre a existência do tema envelhecimento nos currículos escolares e nos livros didáticos, duas pesquisas foram tomadas como demonstrativas, pois ambas manifestam preocupação com a inexistência de conteúdos sobre o envelhecimento humano nos livros didáticos.

A primeira foi realizada por Joseana Stecca Farezim-Knapp - Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD-Dourados/MS, e Maria Cristina Pansera de Araújo - da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUÍ- Ijuí/RS, sob o título *Envelhecimento Populacional Humano na Escola: um tema interdisciplinar*; a segunda, realizada por Alessandra Marcelle Pinto da Silva, intitulada *O Idoso nos livros didáticos de geografia – TCC do Curso da Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Licenciatura em Geografia* (2015).

Apresentamos os resumos das análises, feitas pelas próprias autoras. Ao trabalhar o tema *Envelhecimento Populacional Humano na Escola: um tema interdisciplinar*, Knapp e Araújo (2008) partem das seguintes considerações:

O tema envelhecimento populacional humano vem sendo discutido cotidianamente nos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, a cada dia, é encontrado maior número de

idosos nos mais diversos municípios do estado do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo.

Visando investigar a presença do tema no ensino foi realizada a pesquisa de mestrado: *Envelhecimento Populacional Humano Na Escola: Um Tema Interdisciplinar (2008)*. Neste trabalho, foi feito um recorte no que tange à presença de imagens no livro didático sobre a temática abordada. A análise foi realizada em uma pesquisa documental dos livros escolares da Rede Pública de Ensino do município de Giruá – RS.

Verificou-se que as questões ligadas ao envelhecimento populacional humano pouco são abordadas na escola e nos livros didáticos, sinalizando que esta questão deve ser abordada interdisciplinarmente, em virtude da gama de conteúdos que sustentam sua discussão.

O quadro a seguir dá a visão das áreas e quantidade de livros analisados pelas autoras.

Quadro 1 - Caracterização dos Livros Didáticos Analisados do Ensino Fundamental e Médio

Coleções	Nº de livros diferentes			Nº de coleções			Nº de editoras			Séries			Total livros analisados
	EFI	EFF	EM	EFI	EFF	EM	EFI	EFF	EM	EFI	EFF	EM	
Língua Portuguesa/Português	12	20	1	3	6	1	3	5	1	4	4	3	33
Ciências	12	20	0	3	5	0	4	3	0	4	4	0	32
Biologia	0	0	3	0	0	1	0	0	1	0	0	3	3
História	12	8	1	3	2	1	2	2	1	4	4	3	21
Geografia	12	12	1	3	2	1	3	2	1	4	4	3	24
Química	0	0	3	0	0	1	0	0	1	0	0	3	3
Física	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3	1
Total	48	60	10	12	15	6	12	12	6	16	16	15	117

Legenda: EFI – Ensino Fundamental Séries Especiais; EFF – Ensino Fundamental Séries Finais; EM – Ensino Médio. Fonte: KANPP, ARAUJO (2008, p. 04). Pesquisa de campo para a dissertação de Mestrado “Envelhecimento Populacional Humano na Escola: Um tema interdisciplinar”

Ao tratar do tema *O idoso nos livros didáticos de geografia*, Silva (2015) analisou dez livros didáticos, em conformidade com o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2014. A autora dedica todo o trabalho à análise de cada um dos livros e diz que a Geografia tem sido apontada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como uma das disciplinas responsáveis por abordar temas sociais no campo escolar. Como ciência social, temas ligados, por exemplo: a população, desigualdade social,

migração, densidade demográfica, entre outros, se fazem presentes nos livros didáticos de Geografia.

Indica, ainda, que no sumário de nove, dos dez livros didáticos selecionados, nada consta, não há indícios de algum posicionamento de conteúdo que fale especificamente do idoso. Com exceção do livro Projeto Araribá: geografia, que dedicou um subcapítulo específico a temática.

Os livros analisados estão no quadro a seguir:

Quadro 2 - Livros Didáticos de Geografia do 7º ano analisados (PNLD 2014)

TÍTULO SELECIONADOS	AUTORES	EDITORA	ANO/ED
Projeto velear: Geografia	João Carlos Moreira e Eustáquio de Sene	Scipione	2013
Geografia e participação: Geografia (Ensino Fundamental)	Maria Inês Vieira, Celso Avelino Antunes, Maria do Carmo Pereira	Companhia Editora Nacional	2009
Projeto Araribá: geografia	Fernando Carlo Vedovate	Moderna	2010
Geografia espaço e vivência: Organização do espaço brasileiro	Andressa Turcatel Alves, Boligian Levon Boligian, Rogério Martinez, Wanessa Pires Garcia Vidal	Atual	2013
Geografia: um olhar sobre a diversidade	Roberto Giansanti, Fernanda Padovesi Fonseca, Jaime Tadeu Oliva, Gilberto Pamplona da Costa	AJS	2012
Geografia sociedade e cotidiano: Espaço brasileiro, 7º ano.	Dadá Martins, Francisco Bigotto, Marcio Vitiello	Escala Educacional	2009
Perspectiva geografia	Cláudia Magalhães, Lilian Sourient, Marcos Gonçalves, Roseni Rudek	Editora do Brasil	2012
Geografia: Estudos para a compreensão do espaço: o espaço do Brasil	James OnnigTamdjian e Ivan Lazzari Mendes	FTD	2012
Mundo da geografia: 7º ano	Igor Moreira	Positivo	2013
Projeto Teláris: Geografia: O espaço social e espaço brasileiro	Willian Vesentini e Vânia Vlach	Ática	2013

Fonte: Organização SILVA, 2015.

Destaca a autora que o livro didático foi o local empírico escolhido por ser considerado ainda como um recurso central usado nas práticas pedagógicas, e por ser muito importante como veículo de “determinadas verdades, as quais são incorporadas no cotidiano dos estudantes”. Afirma que nas análises realizadas nos livros didáticos de Geografia, ficou constado que o idoso representa apenas um elemento estático, abordado como um dado etário que compõe a pirâmide etária e indica para a diminuição da taxa de natalidade, mortalidade, fecundidade e o aumento da expectativa de vida, como responsáveis pelo aumento da população de idosos, ocasionando assim, mudanças no perfil demográfico do Brasil. Indica, também, que o idoso não está incluso no espaço social, e é como se dele não fizesse parte.

No material didático examinado as imagens ocupam um espaço ‘decorativo’, e mostram o idoso atuando no mercado de trabalho informal, no lazer e realizando atividades físicas, mas não estão problematizadas. Segundo a pesquisadora é tarefa do professor, como mediador do conhecimento, pensar em meios ou formas de estimular o aluno a desenvolver habilidades que permitam a ele desenvolver seu aprendizado não apenas pelo que está escrito nos textos dos livros didáticos, mas por meio de fatos e contextos presentes em seu cotidiano.

Interessante ressaltar que no artigo 22 da Lei nº 10.741 de 2003, o Estatuto do Idoso propõe que:

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Para o cumprimento desse dispositivo legal, encontramos educadores e instituições que apresentam um viés diferenciado para a sua interpretação. Com o intuito de despertar sobre o tema, sugerimos dois documentos:

Santos et. al. (2011) apresentam o projeto *O envelhecimento humano no Currículo da Educação Básica* - Universidade Federal Fluminense (UFF) - como uma experiência extracurricular sobre o intercâmbio e o compartilhamento de informações entre os professores da UNITI (Universidade da Terceira Idade/UFF), os professores da Educação Básica e os alunos do curso Normal Médio, do Instituto Educacional Professor Aldo Muylaert, da cidade de Campos dos Goytacazes município do estado do Rio de Janeiro, como proposta de inclusão do tema do envelhecimento no cotidiano da escola. Teve como propósito:

[...] debater com os professores e alunos da região as visões que eles tinham sobre o assunto, assim como também procurou produzir informações sobre os novos modelos de representações e gestão do envelhecimento, analisar a inserção e circulação da temática do processo de envelhecimento nos conteúdos discutidos nas disciplinas de Biologia, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Português e Educação Física.

Pareceu-nos, no entanto, que o currículo escolar, e o art. 22 do Estatuto do Idoso da Secretaria de Educação do estado do Paraná, mostra certa rigidez normativa, quando ressalta “que o Estado do Paraná assume uma organização disciplinar do currículo, entendendo que a escola é um espaço democrático de socialização do conhecimento e que, os professores, ao organizarem o trabalho pedagógico, devem fazê-lo “a partir dos conteúdos estruturantes de sua disciplina” (DCE, 2008, p. 27)”. Acrescenta que “de acordo com essa mesma Diretriz Curricular (2008), dos conteúdos estruturantes, organizam-se os conteúdos básicos e desses existe a possibilidade de desdobramento nos conteúdos específicos”.

Tanto os resultados das pesquisas sobre o livro didático como as iniciativas para o cumprimento do Artigo 22 do Estatuto do Idoso sinalizam a demanda de uma discussão intensa para a compreensão e inclusão, nas escolas, de informações sobre processo natural e singular de envelhecimento e o papel fundamental das instituições de ensino na contribuição do aprender a envelhecer desde a infância - processo de aprendizado que pode contribuir para a gradual mudança de valores e os olhares dirigidos para um envelhecer sem a reprodução de estereótipos.

Na apresentação da obra “A Cabeça Bem-Feita”, Morin (2011, p. 6) escreve:

Este livro é dirigido a todos, mas poderia ajudar particularmente professores e alunos. Gostaria que estes últimos, se tiverem acesso a este livro, e se o ensino os entedia, desanima e aborrece, pudessem utilizar meus capítulos para assumir sua própria educação.

O texto exibido na contracapa do mesmo livro afirma o “assumir a própria educação”, e devemos considerar como verdade a urgência do Aprender a Envelhecer, a começar pelo letramento de todos, pois ensinar o adulto tão somente a ‘desenhar’ o nome é desconsiderar a dignidade cidadã das pessoas.

Na visão de Maturana (2000, p. 11) é fundamental pensar e exercitar o aprender utilizando dois instrumentos fundamentais: o diálogo e a escuta. Na proposta reflexiva em torno da tarefa educativa, ele fornece elementos para que seja trabalhada a confusão existente entre duas classes distintas dos fenômenos: a formação humana e a capacitação, explicando que a formação humana tem a ver com o desenvolvimento da criança como pessoa capaz de ser co-criadora, com outros, de um espaço humano de convivência social desejável, e a capacidade tem a ver com a aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo no qual se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para se realizar.

Segundo o mesmo autor, o cuidado e a biologia do amor são caminhos para uma condição amorosa do humano, ou seja, um ser sistêmico de criação, de transformação, de aprendizado e de mudanças contributivas que, acreditamos, possa guiar o ‘aprender a envelhecer’ a caminho das novas possibilidades de conhecimento.

[...] ao reconhecer a identidade ou o ser como fenômeno sistêmico, podemos reconhecer que a condição humana básica, em torno da qual surgem as distintas identidades como modos de viver e conviver, é a biologia do amor, seja no viver suas dimensões relacionais, seja no negá-las, e que é a condição amorosa do humano que constitui a vida social como convivência no respeito mútuo (MATURANA, 2000, p.33).

Os cenários atuais da velhice giram em torno do declínio biológico e a inutilidade social, num ambiente de globalização da indiferença, e devemos colaborar na construção de uma nova realidade.

Como considerações finais, podemos pensar que as normas e políticas que tratam do envelhecimento nestes dois últimos séculos, embora tenham provocado mudanças, ainda trazem desafios a serem superados: de assegurar a distribuição de recursos e oportunidades sociais de forma igualitária, e superar a imagem de que velhice é doença, transformada em problema socioeconômico e financeiro para os países.

Mas é tempo de mudanças e de respostas para a pergunta “Qual é a realidade que queremos viver?”. Para promover mudanças e encontrar respostas é urgente que o processo educativo não seja segmentado e valorize a formação do cidadão, como política do aprender a aprender a envelhecer; que as escolas e as universidades sejam espaços de fala e de ação, que permita eliminar os preconceitos, e se abrir para a construção da dignidade e da igualdade, desconstruindo o olhar de que velho é o outro, na saudável certeza de que todos nós envelhecemos.

Na busca de informação e saberes foi possível confirmar o quanto é repetitivo, distante e sem comprometimento sistêmico o olhar e o discurso dirigido ao processo de envelhecimento. Nas leituras realizadas foi possível identificar a presença de programas ou temáticas que conduzem ao aprendizado do processo do envelhecer em atividades pedagógicas nas escolas e nas universidades.

É possível vislumbrar uma educação que ultrapasse os modelos que enquadram e subordinam, em direção a uma educação autônoma - imersa na realidade pulsante da vida e do ambiente em que vivemos - que permita mudanças sistêmicas nas relações humanas, na formação de novos valores socioculturais e, conseqüentemente, na forma de consumo e no mercado de trabalho.

As novas gerações têm o direito de envelhecer com dignidade. A sustentabilidade geracional é papel primordial das universidades, chave desse processo, uma vez que são formadoras dos educadores.

As palavras chave e os conceitos que orientaram o pensar e escrever este artigo permite definir o processo de mudança ou o resultado da revolução: como mudança de comportamento relativamente duradoura, resultante da experiência passada ou da prática; como aquisição de conhecimento e resultado formação envolvendo o envelhecimento, entendido como um processo - normal e comum a todos - de mudanças graduais, irreversíveis na estrutura e no funcionamento do organismo, devido à passagem do tempo, e que não impedem o pleno exercício da cidadania.

Referências

BRASIL. LEI no 10.741, de 1º de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso*. Diário Oficial da União, Brasília: Ministério da Saúde, n. 192, 2013.

ENTREVISTA Humberto Maturana (2017). Disponível em www.vivaavelhice.com.br/ Acesso em 10/05/2018.

FAREZIM-KNAPP, J. S; PANSERA-de-ARAUJO, M.C. *Imagens sobre envelhecimento humano populacional humano no livro didático*. In V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL). IV Simpósio Latino

Americano e Caribenho de Educação em Ciências do International Council of Associations for Science Education (ICASE), 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/ccb/biologiageral/eventos/erebio/painel/T61.pdf>

HAYFLICK, L. *Como e Por Que Envelhecemos*. 2ª ed. Rio de Janeiro; Editora Campus Ltda, 1996.

LIMA, M. P. *Educação e envelhecimento – garantia da cidadania do idoso* (2005). <http://www.portaldoenvelhecimento.com/acervo/pforum/evve.htm>

MATURANA, H; REZEPEPKA, S. N. *Formação Humana e Capacitação*. Petrópolis; Editora Vozes. 2000.

MORIN, E. *A Cabeça Bem-feita*. 5ªed. Rio de Janeiro; Editora Bertrand Brasil, 2001.

SANTOS, I; LEMOS, C; PINTO, T. *O Envelhecimento Humano no Currículo da Educação Básica nas Escolas Públicas do Norte Fluminense*. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – Sirsse, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5190_3144.pdf Acesso em 28/03/2018.

SILVA, A. *O Idoso nos Livros Didáticos de Geografia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Geografia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/datas_especiais/art22_estatuto_idoso.pdf. Acesso em 25/03/2018.

Data de recebimento: 19/11/2018; Data de aceite: 21/12/2018

Juraci Vieira Gutierrez - Assistente Social (Ucpel/RS). Especialista em Sociologia do Desenvolvimento (UFMT/MT). Especialista em Gerontologia (Unicap/PE). Administradora do Blog Viva a Velhice. Colaboradora e palestrante no Fórum sobre questões do Envelhecimento. Moderadora no Cine Legalmente Idoso. Palestrante no Momento Gerontológico. Responsável por ministrar o primeiro módulo do Programa de Preparação para a Aposentadoria (PPA) na Prefeitura Municipal de Recife/PE. E-mail: jugutier70@gmail.com / www.vivaavelhice.com.br.